

Eugenia no Brasil

nos tempos da Primeira República (1889-1930): a perspectiva de Aleixo de Vasconcellos

Marco Antonio Stancik

Mestre e doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação dos Prof. Dr. Renato L. Leite (UFPR) e André de F. Pereira Neto (COC/FIOCRUZ). E-mail: marcostancik@hotmail.com.

Eugenia é a ciência que trata do aperfeiçoamento moral e físico da espécie humana. Eugenizar quer dizer cuidar de nossos semelhantes para que o mundo se povoe de gente forte, sã, esclarecida e bela. Educar, instruir, fortificar, sanear – tudo é eugenizar.¹

Uma política eugênica terá, pois, de se desenvolver, considerando a *espécie*, o todo e não a *unidade*, o *indivíduo*. Instrução, educação, conforto, progresso beneficiam o indivíduo, sem vantagem genética para a descendência; seleção matrimonial, exame pré-nupcial, fomento da paternidade digna, retardamento da paternidade duvidosa, impedimento da paternidade indigna, limitação da natalidade em casos indicados, proteção às famílias de 'bem-dotados', segregação, esterilização, imigração selecionada, cruzamentos eugênicos, com impedimento para os disgênicos, consciência eugênica, esta última difundida nas escolas, nas casernas, nos lares, beneficiam geneticamente a espécie.²

Como se pode facilmente constatar a partir das duas citações acima, ainda que alguns anos as separem, eram bastante variadas e mesmo divergentes as idéias e atitudes assumidas no Brasil em relação ao tema da eugenia,³ nas primeiras décadas do século XX. Mesmo o médico e farmacêutico Renato Kehl (1889-1974), um dos mais destacados eugenistas brasileiros do período, assumiu, no transcorrer da década de 1920, uma perspectiva onde a higiene e a educação, entre tantas outras medidas, foram por ele apresentadas como eugênicas. Com o passar do tempo, no entanto, Kehl mudou essa visão em favor de medidas de eugenia negativa, como aquelas destinadas a impedir a procriação de indivíduos considerados degenerados.⁴

Essas interpretações variadas, essas diferentes maneiras de apropriação dos pressupostos daquela pretensa ciência, levaram o zootecnista e professor Octavio Domingues (1898-1972), outro importante propagandista da eugenia, a advertir em 1929, ano da realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia:

Não, minha senhora. 'Assegurar à criança, tanto quanto possível, meios para a aquisição, conservação e melhoria de suas condições de saúde é fazê-la triunfar na vida, é ganhar homens válidos para a pátria' – mas não é fazer Eugenia, como a senhora disse, numa tese para um Congresso de Eugenia (!!!). Isso são medidas *eutécnicas*, um tanto diferentes das *eugênicas*. Eugenia é a ciência que tem por fim o estudo do aperfeiçoamento *genético* dos humanos. É o aperfeiçoamento das heranças biológicas humanas. Causa bem diferente dessas medidas exteriores que têm por escopo *assegurar* o completo desenvolvimento dessas heranças. Promover o acasalamento entre humanos eugênicos – de boa herança – é fazer *Eugenia*. Promover o melhoramento do ambiente para a completa expansão desses biótipos eugênicos é fazer *Eutecnia*. É preciso dar nome aos bois para lustre da nossa cultura...⁵

Nesse período, Aleixo de Vasconcellos (1886-1961)⁶ publicou e apresentou trabalhos e defendeu projetos onde a “defesa da espécie”, conforme expressão sua, era abordada como um assunto de grande relevância para o futuro do país e de seu povo. Mas o “aperfeiçoamento” do homem por ele pregado revelou feições muito particulares. Pretendeu Vasconcellos favorecer a reprodução de indivíduos eugênicos, sem, no entanto, propor o impedimento de que aqueles que fossem considerados doentes ou “degenerados” viessem a procriar – medida esta, conforme já lembrado, por vezes proposta por outros eugenistas visando evitar a propagação de traços biológicos considerados indesejáveis.

Diante disso, o que se pretende com o presente estudo não é realizar um levantamento mais abrangente, nem, tampouco, empreender uma análise mais aprofundada em torno das divergências observadas entre os defensores da eugenia. Diferente disso, a proposta é tornar evidentes algumas das particularidades e especificidades que marcaram a perspectiva de Aleixo de Vasconcellos em relação ao tema, naquele que se considera o momento mais marcante e representativo de sua trajetória científica, ou seja, a década de 1920.

Isso, por se considerar que, mais que zelar por uma espécie de fidelidade dicionaresca, visando manter a pureza de um termo ou de uma noção de maneira mais ou menos estática, importa buscar pelos diferentes usos e interpretações a que o mesmo se prestou em variadas circunstâncias e nas mãos de diferentes agentes. É isso o que se pretende a partir da análise das concepções de Aleixo de Vasconcellos relativas à “defesa da espécie”.

A apropriação das teorias científicas

Opondo-se ao ponto de vista de outros autores que pretenderam demonstrar que os intelectuais e cientistas brasileiros limitaram-se a copiar, e mal, as teorias vindas do exterior,⁷ Schwarcz insiste na originalidade dessa produção. Por isso, tratando da adoção das teorias raciais no Brasil, ela procurou evidenciar “*seus novos significados contextuais, bem como verificar sua relação com a situação social, política, econômica e intelectual vivenciada no país*”.⁸

Caminhando na mesma direção, tem-se por pressuposto que, naquilo que se refere à eugenia no Brasil, em lugar de meras cópias, verificaram-se “*adaptações e reconstruções, produzidas em diferentes momentos e lugares e por diferentes agentes e instituições, servindo a interesses e necessidades específicas*”,⁹ e subordinadas às possibilidades e imposições do momento. Por extensão, a apropriação diferenciada dessas teorias se fez associada a práticas e representações que se constroem diversamente no tempo e no espaço, e que devem ser objeto de atenção do historiador.

Entende-se, portanto, que as teorias científicas e sua utilização, como a de quaisquer outros bens culturais, se apresentam em conformidade à maneira pela qual se faz a sua apropriação. Isso por considerar-se os indivíduos, grupos e instituições que delas se servem e fazem sua divulgação como agentes criativos, críticos e seletivos. Agentes que as modelam em conformidade com suas necessidades, interesses e possibilidades. E que revelam, por isso mesmo, tanto o livre arbítrio, quanto os limites e determinantes a que se fizeram sujeitos.

Desta maneira, analisando as proposições de Aleixo de Vasconcellos, busca-se no presente trabalho perceber suas “*práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação*”,¹⁰ ou seja, a produção de usos e significações diferenciadas. Segundo explicita o historiador francês Roger Chartier:

A apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (...) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.¹¹

Assim procedendo, pretende-se ter em conta as “*múltiplas possibilidades de apreensão social das construções científicas*”.¹² Ao mesmo tempo, revelar conflitos e disputas que se observam durante o processo de construção dos saberes científicos, bem como as imbricações entre concepções científicas e estruturas sociais, entre ciência e movimentos sociais – como se verificou no caso da eugenia.

Desta maneira torna-se possível compreender que, “*uma vez trazida para o Brasil, ainda no final do século XIX, a eugenia não foi simplesmente transposta, por assim dizer, em sua pureza original. A partir de então, ao servirem-se das proposições de Francis Galton, intelectuais e cientistas brasileiros fizeram muito mais que simplesmente ‘copiar’ idéias*”.¹³

Aleixo de Vasconcellos e o ideal de homem eugênico

Nos tempos iniciais da República, a intelectualidade brasileira manifestava sérias dúvidas em relação ao futuro do país. Segundo as teses raciais vigentes no período, a miscigenação entre brancos, negros e índios aqui verificada teria gerado uma raça inferior, degenerada, incapaz para o progresso e de se fazer adaptada à civilização. Tal realidade, concluíam, condenava o Brasil à uma condição de atraso em relação às nações industrializadas, ricas, “civilizadas”.

Essa preocupação com o atraso e a degeneração também se fizeram presentes nos diagnósticos de Aleixo de Vasconcellos para o homem e a sociedade no Brasil. Isso pode ser observado em 1922, no transcorrer do Primeiro Congresso Nacional dos Práticos. Naquela oportunidade, Aleixo de Vasconcellos tratou do tema *Luta contra o analfabetismo*, a ele referindo-se como a um “*fantástico inimigo que embrutece a alma, compromete a saúde, nulifica a espécie, avilta os ideais, enfraquece o país*”.¹⁴

Segundo suas palavras, combater o analfabetismo significava atacar o problema do saneamento do Brasil. Sua fala nos revela ainda que Vasconcellos associava a educação aos destinos da raça e da nação:

O problema do saneamento do Brasil pela educação popular envolve duas questões importantes: a da alfabetização do povo e a do ensino sistemático das noções capitais de higiene nas escolas e ao público leigo. Para a solução da primeira salta aos olhos a soma vultuosa que semelhante empreendimento acarreta. Mas, se para a realização deste ideal bastasse apenas dinheiro, não se poria dúvida em considerá-lo atingido. Porque não se gasta instruindo-se o povo, capitaliza-se, criando-se novas fontes de riqueza que asseguram a formação de uma raça sadia e vigorosa, para o triunfo decisivo de uma nação.¹⁵

Vale a pena refletir em torno da associação feita por Vasconcellos entre educar a população e garantir o futuro da raça e do país. Em primeiro lugar, há que se apontar para a correspondência entre sanear, ensinar higiene, alfabetizar e criar uma “raça vigorosa”. Ou seja, a associação entre sanear e eugenizar, muitas vezes negada por outros eugenistas – desde Galton ela já não era aceita –, mas assumida por Vasconcellos. Assim, se no início do trecho citado ele reportou-se à questão do saneamento, concluiu enfatizando seus objetivos eugênicos.

Mais que isso: falando em favor da alfabetização, da educação, da instrução higiênica, Vasconcellos afirmava estar trabalhando não apenas em favor da raça, mas também pelo do progresso de sua pátria e pela construção de uma nação civilizada, moderna, próspera.

Portanto, Vasconcellos entendia haver uma condição prévia para que essas transformações se operassem no Brasil. Nas palavras do cientista, o analfabeto não poderia “reter, nem compreender, nem explicar o que viu e ouviu diferente dos seus hábitos ordinários, das suas idéias entranhadas, do que lhe cantam aos ouvidos todos os dias os seus pais cheios de abusões e credices e mergulhados na mais negra escuridão”.¹⁶

No seu entendimento, a educação era uma ferramenta capaz de impor novos hábitos, mas dependia da prévia alfabetização. Segundo Vasconcellos, um analfabeto não teria condições de tirar proveito da instrução higiênica. O analfabetismo o impossibilitaria de ter acesso aos saberes higiênicos, fazendo com que permanecesse dominado pelos saberes populares, os quais o tornariam doente, degenerado, improdutivo. E uma raça nessas condições condenaria a nação ao atraso.

A “defesa da espécie” proposta pelo cientista exigia que o cotidiano da população se reorganizasse em sintonia com os saberes médico-científicos. Para tanto, alfabetizar era proposto como o primeiro passo para a superação de hábitos arraigados, criticados como nocivos à raça.

Razões dessa natureza o levavam a defender que alfabetizar, educar, transformar hábitos, impor a higiene eram patriótica missão dos homens de ciência em defesa da raça. Com essa mudança nos hábitos, nas mentes e nos corpos dos seus contemporâneos, Vasconcellos pretendia garantir que as futuras gerações também seriam constituídas por homens vigorosos.

Há aí um outro aspecto a se considerar. Destaque-se que, defendendo tal perspectiva, Vasconcellos apoiava-se nas conclusões do médico Antonio de Almeida Júnior (1892-1971), apresentadas na tese *O saneamento pela educação*, datada de 1922.¹⁷ Segundo este, a educação higiênica deveria se dar na infância. Então, sua “plasticidade” possibilitaria que as crianças adquirissem hábitos que teriam decisivo papel na defesa da sua saúde. Na idade adulta, concluía o médico, eram quase nulas as possibilidades de se obter o mesmo sucesso, pois os maus hábitos já se encontrariam firmemente instalados.

A experiência de Aleixo de Vasconcellos parece ter-lhe confirmado as conclusões a que chegou Almeida Júnior. Esses maus hábitos ele os definiu como um “defeito” que viria “dos pais, dos avós, do meio social”.¹⁸ Por isso, por acreditar, tal qual Almeida Júnior, ser quase impossível modificar hábitos a partir de certa idade – ainda que também voltasse seu olhar para a educação dos adultos -, ele pregou que a máxima atenção deveria ser destinada à infância. Assim se estaria zelando pelas futuras gerações e trabalhando em favor da defesa da espécie e do progresso da nação.

Segundo afirmou, esse duplo objetivo de sanear e eugenzar somente seria alcançado mediante a alfabetização. Alfabetizado, o brasileiro teria finalmente condições de superar seu estado de ignorância, do qual resultariam sua miséria, falta de saúde e de vigor físico, e sua pouca produtividade. O que quer dizer que ele entendia que o grande mal do brasileiro era a “ignorância”. A raça não era eugênica, pois o homem, não conhecendo aquela ciência, não seguia seus ensinamentos, e assim prosseguia doente e miserável. O país, por extensão, dotado de uma raça de pouco vigor, permanecia entre as nações atrasadas, afastado da civilização, da prosperidade e da modernidade.

Tudo isso, para ser modificado, exigia, no entanto, a alfabetização. Ela abriria as portas para a eugenia, o saneamento, o progresso, a modernidade, na ótica defendida por Aleixo de Vasconcellos. Em suma, para o cientista, a educação higiênica visava transformar hábitos, tornando o brasileiro mais forte, saudável, produtivo. Isso porque ela o ensinaria a se alimentar de maneira considerada higiênica, a se prevenir das doenças, a zelar pela sua descendência. Defender a espécie pressupunha, enfim, alfabetizar, ensinar higiene, oferecer condições de saúde. Missão à qual médicos e homens de ciência estavam obrigados.

Com isso, seriam criadas condições para uma descendência saudável, vigorosa. E, aspecto de fundamental importância na sua concepção, essa condição superior seria legada à sua prole, pois Vasconcellos entendia que pais saudáveis e higiênicos geravam filhos naquelas mesmas condições. Assim, esperava, a reprodução da espécie se daria sempre num patamar superior, condição essencial para, como ele afirmou, verificar-se “o triunfo decisivo de uma nação”.

Isso requer mais alguns breves esclarecimentos. Segundo a historiadora Nancy Stepan, a crença na herança de caracteres adquiridos se fez presente de forma muito acentuada no Brasil dos primeiros tempos republicanos. As teorias sobre hereditariedade foram, assim, norteadas em grande parte pela certeza de que pais saudáveis e higiênicos legavam à sua descendência características superiores e contribuía para o aperfeiçoamento racial.

Essa interpretação, embora contestada por alguns estudos, permaneceu em pleno vigor no Brasil por mais algum tempo,¹⁹ como prova a associação entre alfabetização, educação, higiene e defesa da raça, nos moldes propostos por Vasconcellos.

Por tudo isso, se era urgente regenerar a raça, pensava provavelmente Vasconcellos, isso não deveria ser feito com o favorecimento da entrada de representantes de raças consideradas eugênicas – brancos “arianos”, como muitos desejavam.²⁰ Também não o seria pelo impedimento de determinados casamentos, esterilização, entre outras medidas de eugenia negativa,²¹ com a qual o cientista parecia não concordar.

Importava realizar esse processo com o material humano aqui disponível, parecia pregar o cientista. A partir do brasileiro doente, fraco, degenerado, improdutivo, que se dizia habitar o país. Modificando-lhe o espírito e o físico através da alfabetização e da educação higiênica, seria dado o primeiro e decisivo passo naquela direção, qual seja, a regeneração da raça para o progresso do país. Dotado de novos hábitos, o brasileiro saberia, a partir de então, zelar pelo futuro da raça e da nação.

Alfabetização, educação, higiene, eugenia: na proposta de Vasconcellos, uma deveria conduzir à outra e as quatro se complementariam, consistindo na defesa da espécie para a construção de uma nação vitoriosa.

Se, por um lado, pode-se propor que Vasconcellos não se incluiu no rol dos mais ativos e eminentes partidários do movimento eugênico brasileiro, por outro, observa-se que também ele não resistiu à força daquele movimento social, sendo mais um a fazer eco a alguns dos seus ideais. E isso talvez explique, ao menos em parte, a singularidade de suas idéias, onde, se não havia espaço para medidas restritivas como esterilização e outras, havia espaço para medidas positivas e preventivas, tais como a educação e a higiene.

O que se pretende propor assim é que, mesmo não defendendo os procedimentos mais radicais da perspectiva eugenista, Vasconcellos deixou claro que não se fazia alheio a determinadas aspirações em relação ao futuro racial do país. Com isso, o agente procurou demonstrar que as bandeiras da educação e da higiene, das quais foi defensor, conduziram aos resultados almejados pelo movimento eugenista. Com isso, seu exemplo evidenciou também que obras culturais disponíveis no espaço social estão sujeitas a diversificadas práticas de apropriação cultural, conforme as necessidades e possibilidades dos agentes sociais e das instituições que as realizem.

Desta maneira, se o cientista afirmava ser um admirador da nação norte-americana e acreditava nela encontrar os melhores exemplos de políticas de saúde pública, saneamento e defesa da raça – e isso ele o fez em diversas oportunidades –, nem por isso incorporou seus preconceitos raciais, de um país que praticou a segregação racial e pôs em prática políticas de esterilização de indivíduos considerados exemplares inferiores da raça.²²

Por isso, importa notar que, mais que “regenerar” a raça, Vasconcellos afirmou sua intenção de “defendê-la”, ou seja, de advogar a sua causa e de protegê-la. E assim trouxe suas respostas a questões que se colocavam de maneira premente à sociedade daquele período.

O estudo das particularidades da apropriação do tema eugenia, conforme evidenciado por Vasconcellos, pode nos revelar assim como as teorias científicas, tanto quanto qualquer outra criação humana, tendem à transformação e se prestam a usos criativos, críticos, seletivos, originais, assumindo feições diversas, mas nunca definitivas.

Portanto, em lugar de buscar simplesmente inserir Vasconcellos no interior do movimento eugenista da Primeira República, interessou-nos perceber alguns aspectos dos usos e interpretações dos saberes que a constituíram, seja enquanto ciência, ou como movimento social.

Recebido para publicação em maio de 2004.

Notas

¹ CANDIDO, J. A eugenia. Curitiba: Livraria Econômica, 1923, p. 4.

² KEHL, R. Pais, médicos e mestres. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1939, p. 108, itálicos no original.

³ A eugenia pode ser conceituada como um importante movimento científico e social interessado no aperfeiçoamento genético da espécie humana, com supostas conseqüências físicas e morais. Suas origens encontram-se na obra do naturalista inglês Sir Francis Galton (1822-1911), primo de Darwin (1809-1882). Galton acreditava que tanto o físico como o mental eram resultados da herança biológica, o que justificava, no seu entender, os “cruzamentos selecionados” mesmo entre humanos. Da aplicação dessas idéias, observou-se, que, em 1931, 27 estados norte-americanos adotavam legislação destinada a impor a esterilização de indivíduos tidos como disgênicos. Nos casos mais extremos, e servindo a propósitos racistas, o movimento eugênico conduziu a práticas de “limpeza racial”. Um exemplo cujas repercussões foram sentidas por todo o globo pode ser observado na relevância que teve o pensamento médico e eugênico para Adolf Hitler e para o nazismo. Isso foi muito bem retratado nos documentários Arquitetura da Destruição (1989) e Homo Sapiens 1900 (1998), do diretor sueco Peter Cohen. Além disso, é importante frisar ainda que sempre que se fizer menção a termos como “raça”, “aperfeiçoamento racial”, entre outros, estarão sendo empregadas expressões do período em análise. Compreende-se que não faz sentido falar-se em “raças puras”, ou em vincular diferenças físicas e/ou raciais a maiores ou menores “aptidões” de origem biológica, sejam elas quais forem.

⁴ Sobre o assunto, consultar STEPAN, N. L. Eugenesia, genética y salud pública: el movimiento eugênico brasileño y mundial. Quipu. México-DF, v. 2, n. 3, p.351-384, sep.-dic. 1985.

⁵ DOMINGUES, O. Demos nomes aos bois... Revista de Agricultura. Piracicaba, v. 4, n. 9-10, p. 394, set.-out. 1929, p. 394, itálicos no original.

⁶ Vasconcellos formou-se médico em 1908, pela faculdade carioca, tendo redigido seu trabalho de conclusão sob a orientação de Oswaldo Cruz, no Instituto de Manguinhos. Atuou como médico legista e pediatra, tendo pesquisado o tratamento da coqueluche e desenvolvido um medicamento para a doença. Na década de 1920, era uma das grandes autoridades brasileiras em temas relacionados ao leite e laticínios: dirigiu a Seção de Leite e Derivados do Ministério da Agricultura entre 1921 e 1933; organizou e presidiu congressos e conferências no Brasil e representou o país no exterior; criou, em 1922, a primeira revista brasileira dedicada ao tema. Razões estas que parecem indicar que foi aquele um período em que suas idéias e projetos encontraram condições favoráveis para sua divulgação, o que explica o interesse por seu estudo.

⁷ Um dos autores que defenderam essa posição é SKIDMORE, T. E. Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

⁸ SCHWARCZ, L. M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 242.

⁹ STANCIK, M. A. Entre a defesa e a regeneração: alternativas e opções para o aprimoramento da raça na década de 1920. Publicatio UEPG – Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes. Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 21-36, dez. 2003. Também disponível em: <http://www.uepg.br/proesp/publicatio/hum/2003_2/02.pdf>, p. 24.

¹⁰ CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990, p. 28.

¹¹ Ibid., p. 180.

¹² DE LUCA, T. R.

A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: UNESP, 1999, p. 154.

¹³ STANCIK, M. A. Entre a defesa e a regeneração..., p. 22.

¹⁴ VASCONCELLOS, A. de. Luta contra o analfabetismo. In: CONGRESSO NACIONAL DOS PRÁTICOS, 1., 1922, Rio de Janeiro. Actas e Trabalhos. Rio de Janeiro: Publicações Científicas, 1923, p. 475-486, p. 482.

¹⁵ Ibid., p. 480.

¹⁶ Ibid., p. 484.

¹⁷ Além deste, também os médicos Miguel Couto (1865-1934) e Afrânio Peixoto (1876-1947), dois grandes defensores da educação naquele período, foram outras influências intelectuais que se exerceram sobre Vasconcellos. Aspecto este que, para não estender demais a análise, não será abordado no presente trabalho.

¹⁸ VASCONCELLOS, A. de. O “Lunch” nas escolas primárias: seu valor educativo, social e higienico. Brazil-Medico, Rio de Janeiro, ano 38, v. 2, n. 11, p. 163-166, 13 set. 1924, p. 163.

¹⁹ No período, o movimento eugênico brasileiro dividia-se entre lamarckistas, que acreditavam na herança de caracteres adquiridos, e mendelianos, que a negavam.

²⁰ Faz-se referência às teses de branqueamento, em voga naquele período, segundo as quais supunha-se que a continuada miscigenação com raças “brancas” conduziria ao “branqueamento” da população brasileira.

²¹ De forma breve, a eugenia negativa consistia no impedimento à procriação dos indivíduos considerados degenerados. A eugenia positiva era o estímulo à procriação daqueles considerados representantes superiores da raça.

²² Sobre a eugenia norte-americana, consultar: BLACK, E. A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior. São Paulo: A Gira, 2003.